



Estudo sociofonético dos róticos no Vale de Itajaí em Santa Catarina¹

Sociophonetic Study of the Rhotics in the Itajaí Valley in Santa Catarina

Maria Luíza Horneaux de Almeida Chaves

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

maluhorno@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0331-3275>

Izabel Christine Seara

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

izabel.seara@ufsc.br

<https://orcid.org/0000-0001-9204-9730>

Resumo: Este estudo, sob o olhar da Sociofonética, apresenta uma análise acústica das variantes dos sons de r-forte na fala de descendentes italianos da cidade de Rio do Sul, Alto Vale do Itajaí - SC. Nessa região, encontramos a variante tepe ([r]), como uma das possibilidades de produção nesse contexto. Participaram da pesquisa seis representantes da comunidade, divididos em três faixas etárias: 20-50, 51-70 e acima de 70, do sexo feminino e masculino, que narraram suas histórias de vida em entrevistas de fala semiespontânea. O *corpus* foi formado por 147 itens lexicais que apresentavam as variantes de róticos em *onset* silábico inicial ou medial de palavra. Com base nos resultados acústicos, foi verificada a gradiência dos dados e foi constatado que os descendentes italianos da comunidade estudada produzem, como r-forte, diferentes variantes, além do tepe ([r]). Fatores, como idade, identidade e região de origem, parecem influenciar na variedade de róticos produzidos. Foi observada uma diminuição na produção do tepe na dimensão diageracional, o que aponta para um estudo em tempo aparente.

Palavras-chave: róticos; Alto Vale do Itajaí (SC); variação; Sociofonética.

¹ Este trabalho foi parcialmente financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Abstract: This study, under the perspective of Sociofonética, presents an acoustic analysis of the variants of the sounds of r-forte in the speech of Italian descendants of the city of Rio do Sul, Alto Vale do Itajaí - SC. In this region, we find the variant tepe ([r]), as one of the production possibilities in this context. Six community representatives participated in the research, divided into three age groups: 20-50, 51-70 and over 70, female and male, who narrated their life stories in semi-spontaneous speech interviews. The corpus was formed by 147 lexical items that presented the rhotic variants in initial or medial syllabic onset of the word. Based on the acoustic results, the gradient of the data was verified and the hypothesis was confirmed that the Italian descendants of the studied community produce, as r-forte, different variants, in addition to the tepe ([r]). Factors, such as age, identity and region of origin, seem to influence the variety of rhotics produced. A decrease in the production of tepe in the diagenational dimension was observed, which points to a study in apparent time.

Keywords: rhotics (R-sounds); Alto Vale do Itajaí (SC); Variation; Sociophonetics.

1 Introdução

O presente estudo busca analisar a variação encontrada nos róticos produzidos por descendentes italianos da cidade de Rio do Sul², região do Alto Vale do Itajaí em Santa Catarina. Nosso objeto de estudo são os róticos produzidos em contexto de r-forte³. O objetivo deste estudo é avaliar a produção de róticos em função de uma marca identitária, por conta do contato do português com o italiano, que é apontada por falantes de outras regiões catarinenses como característica da fala desses descendentes. Mais especificamente, é sugerido que os falantes de Rio do Sul, descendentes de italianos, apresentariam, na maior parte de suas produções, o tepe como representante do r-forte do português brasileiro (doravante PB). Nesse caso, as palavras *carro* e *roda* seriam produzidas

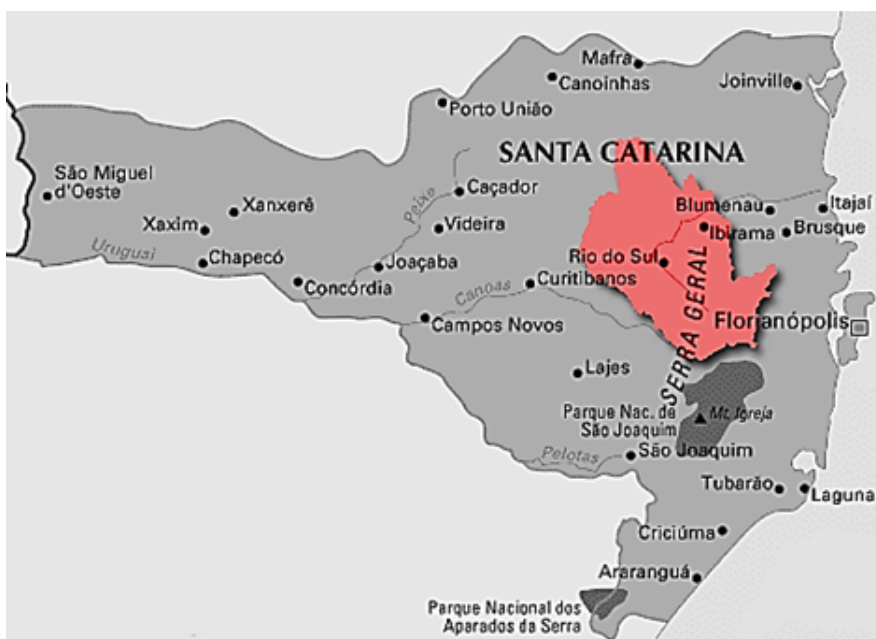
² Rio do Sul foi elevada à categoria de município em 1931. De acordo com o IBGE (2021), possui população estimada em 2020 de 72.006 habitantes e área de 260.817 km². A região do Vale do Itajaí é conhecida como o *Vale Europeu*. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) é de 0,802, ocupando o 8º lugar no estado de Santa Catarina.

³ Trataremos aqui dos róticos do português brasileiro como r-fraco e r-forte, conforme Callou & Leite (2009). No entanto, a oposição entre o r-fraco e r-forte recebe também outras denominações: r brando/r forte (CÂMARA JÚNIOR, 1992); r fraco-tepe/r forte (MONARETTO, 2009); tap/vibrante (SILVA, 1996, 1999, 2002); tepe/vibrante múltipla (SPESSATTO, 2001).

como ['karu] e ['rɔdɐ], respectivamente. Comiotto e Margotti (2019), também pesquisando sobre comunidades de contato do português com o italiano, observaram que a variante mais produtiva, na posição de r-forte intervocálico, nas cidades catarinenses de Concórdia e São Miguel do Oeste, era o tepe ([r]).

Para situar nossa pesquisa, veja, no Mapa 1, a localização da cidade de Rio do Sul no Estado de Santa Catarina.

Mapa 1 – Localização geográfica da cidade catarinense de Rio do Sul e a indicação da região que compreende o Alto Vale do Itajaí (em vermelho).



Fonte: (ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO VALE DO ITAJAÍ, [2021?]).

A partir de 1875, o país recebeu diversas etnias de imigrantes italianos, pois a Itália passava por séria crise econômica e social. Na região Sul, dos portos de Desterro, Itajaí e Laguna, os imigrantes eram dirigidos para as colônias, Dr. Blumenau e Itajaí-Príncipe, distribuindo-se pelas colônias do Vale do Itajaí num raio de até 100 quilômetros em 1906. (SILVA, 2010).

Os principais dialetos trazidos para o Sul foram o trentino e o vênето, impondo-se, com maior força e prestígio, o vênето (60%). Bonatti

(1976 *apud* MENGARDA, 2001, p. 50) informa que a “população que se estabeleceu na região do Vale do Itajaí é quase exclusivamente trentina”.

Inserido em um ambiente multicultural, o imigrante precisava se comunicar e interagir. Da mistura entre os dialetos e o PB, desenvolveu-se o *talian*, ou vêneto brasileiro; uma espécie de “coiné⁴ italiana que cobriu todo Sul do Brasil.” Atualmente, o *talian* é reconhecido como língua de referência nacional e patrimônio cultural do Brasil (DALLEASTE, 2016).

Reconhecendo neste ambiente alguns aspectos históricos que determinaram a variedade dialetal falada na região, este estudo será realizado sob o olhar da Sociofonética (FOULKES *et al.*, 2010; GOMES, 2011; GONÇALVES; BRESCANCINI, 2014; SORIANO, 2016; BATTISTI, 2014; e outros), uma vez que o fenômeno investigado é produto de uma construção social e, nesta análise, serão empregadas técnicas experimentais e acústicas que elucidarão o detalhe fonético dos sons produzidos para uma adequada investigação da variação dos róticos, encontrada nesta população.

Para tanto, colocamos as seguintes questões de pesquisa:

- (1) Quais são as variantes fonéticas encontradas para os róticos, em contexto de r-forte, produzidos por descendentes italianos do Alto Vale do Itajaí?
- (2) Observando-se o detalhamento acústico das variantes produzidas, verificam-se diferenças que possam estar associadas às variáveis idade, sexo ou, ainda, são verificados comportamentos variáveis intra ou inter-falantes?

2 Revisitando a literatura sobre róticos

Este estudo apresenta uma análise acústica detalhada dos róticos, em contexto de r-forte, produzidos por falantes da cidade de Rio do Sul, região do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Os dados são observados a partir da Sociofonética, uma vez que tratamos de fatores sociais que possam justificar a variação observada; e da gradiência fônica, verificada através do detalhamento acústico com que avaliamos os dados. Apresentamos a seguir uma pequena revisão de estudos que tratam do tema sob o viés da Sociofonética e da gradiência fônica.

⁴ Do grego – língua comum (MENGARDA, 2001, p. 50).

2.1 Os róticos do PB sob o foco da Sociofonética

A Sociofonética é um campo de investigação que faz uso dos princípios e técnicas da Sociolinguística e da Fonética, de outros campos relacionados, a fim de identificar e explicar a variação socialmente estruturada da fala. Seus objetivos são, segundo Foulkes *et al.* (2010, p. 704, tradução nossa), “a contabilização de como a variação socialmente estruturada no sistema de som é aprendido, armazenado cognitivamente, avaliado subjetivamente e processado na fala e na percepção.”⁵. Desse modo, não seria produtivo fazer uma investigação acústica, articulatória, aerodinâmica ou mesmo perceptual, sem considerar o fenômeno investigado em seu contexto social.

Soriano (2016), sob o enfoque da Sociofonética, realizou estudo experimental sobre percepções de róticos em coda silábica (-R) em São Paulo (SP), objetivando verificar o quanto as características sociais dos ouvintes condicionam a percepção das sutilezas e diferenças acústicas das variantes de /-R/ em contexto de coda silábica. Nesse estudo, foram avaliados perceptualmente as vibrantes, a partir do número de batidas que apresentavam, o tepe, a aproximante alveolar e o retroflexo. Um dos interesses da pesquisa era observar as reações inconscientes dos ouvintes quanto às diferenças fonéticas entre os pares dos mesmos itens lexicais com diferentes variantes de /-R/.

Buscando uma relação entre produção e percepção linguística, Soriano (2016) embasa-se nos conceitos de saliência e marcação, em que o grau de diferença fonética que o ouvinte atribui aos sons é influenciado pelo seu contato com as formas linguísticas. Enquanto variáveis podem ser salientes, o membro não marcado pode ser o que é mais frequente e carregar um peso mais leve em relação a significados sociais, ainda que nem todos os falantes ou ouvintes concordem com a mesma marcação.

Do mesmo modo, a marcação de certa variante depende do uso. (CAMPBELL-KIBLER, 2009 *apud* SORIANO, 2016). Assim, a princípio, a variante menos marcada em São Paulo seria o tepe por ser o mais usado e em outras regiões seria mais marcado. Soriano (2016) concluiu que o significado social das variantes linguísticas se relaciona às diferenças acústicas atribuídas às variantes da pesquisa.

Guilherme (2015) fez uma análise acústica e descritiva do falar de Curitiba (PR), estudando os sons de r em contexto de coda silábica na fala de dois curitibanos, pai e filho, que tinham contato próximo com pessoa de

⁵ ... accounting for how socially structured variation in the sound system is learned, stored cognitively, subjectively evaluated, and processed in speaking and listening. (FOULKES *et al.*, 2010, p.704)

uma cidade do interior. A autora embasou-se em pressupostos da Fonética, da Sociolinguística e da Sociofonética. A pesquisa possui caráter qualitativo e parte da compreensão da relação entre língua, sociedade e identidade.

A autora buscou as semelhanças e diferenças mais marcantes, assim como confirmar a hipótese de aumento da variante retroflexa, comum no interior do Paraná, à frente do tepe, nas produções desses falantes. Outra hipótese do estudo era a de que apenas um dos segmentos seria constante ou que o mesmo falante selecionado poderia produzir o segmento de maneiras distintas. Os resultados interfalantes apontaram que tanto pai quanto filho produzem mais o retroflexo, tanto de oitiva quanto se observando os parâmetros acústicos. A análise intrafalante não apresentou alteração significativa, o que indica, segundo a autora, que a mudança de contexto de leitura de sentenças-veículo, conto ou fala semiespontânea não interfere nas produções dos falantes.

Guilherme (2015, p. 36) explica que “o convívio próximo com pessoas do interior pode estar interferindo no sotaque do curitibano”. Com isso, a pesquisa demonstrou que cada vez mais a variante retroflexa em contexto de coda silábica está presente no dialeto dos habitantes da capital paranaense.

Passemos agora aos estudos sob o viés da gradiência fônica.

2.2 A gradiência acústica dos róticos

Alofonias gradientes referem-se à variabilidade de pronúncia de um segmento em determinado ambiente desdobrando-se não apenas em duas categorias, mas sim em um contínuo físico. Estudos que empreendem um detalhamento acústico de sons de fala trazem muitas contribuições para a verificação da gradiência dos dados produzidos.

Silva (1996), tratando da descrição acústica de líquidas laterais e não laterais, indica que há semelhanças entre o tepe e a vibrante, pois a vibrante também se caracteriza por descontinuidade espectral. No entanto, na vibrante, há repetidos fechamentos e aberturas orais. Essa repetição se caracteriza em uma maior complexidade da estrutura da vibrante em relação ao tepe. As medidas temporais também atestam uma maior duração para as vibrantes em comparação às medidas de duração dos tepes.

Cotovicz (2019), também analisando acusticamente a variabilidade dos róticos produzidos por falantes de Rebouças e Irati (PR), verificou a gradiência nas produções da vibrante. De acordo com o autor, a vibrante alveolar está condicionada a um exigente aparato de produção. Desse modo, mudanças no posicionamento articulatório, bem como no volume de ar necessário à vibração da ponta da língua, podem implicar resultados

acústicos bastante variados na produção desse som. Nesse estudo, foi observado o número de batidas de cada vibrante produzida, ou seja, de fechamentos e aberturas orais.

Assim, considerando esses estudos, passamos à metodologia empregada nas análises acústicas realizadas para a presente pesquisa com o objetivo de que essas investigações detalhadas da produção do r-forte de falantes da cidade de Rio do Sul contribuam para um conhecimento mais ampliado sobre a produção de róticos tanto para esta cidade quanto para o português do Brasil.

3 Metodologia

Para o presente estudo, foram gravadas entrevistas individuais de fala semiespontânea nas quais os informantes narravam sua história de vida na comunidade de Rio do Sul, cidade catarinense, localizada no Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina.

Foram controladas as variáveis sexo e faixa etária. Seis participantes, descendentes de italianos, foram selecionados e divididos em três faixas de idade: de 20 a 50 anos, de 51 a 70 anos e acima de 70 anos. Em cada faixa etária, há um homem e uma mulher.

As gravações foram realizadas com o gravador digital portátil ZOOM H4N em formato wav, com auxílio de um microfone *headset* dinâmico unidirecional Shure, versão WH20XLR. A taxa de amostragem foi de 44100 Hz, com resolução de 16 bit.

Obtivemos um total de 147 róticos em contexto de r-forte em posição de *onset* inicial ou medial de palavra, produzidos nas seis entrevistas realizadas. Esses dados foram etiquetados com o auxílio do *software* Praat (BOERSMA; WEENINK, 2019), versão 6.0.31. Optamos pela etiquetagem em duas camadas: uma indicando o som-alvo e a outra, a palavra em que esse som estava inserido.

A etiquetagem dos róticos foi feita a partir da observação de características acústicas já apresentadas em diferentes estudos acústicos sobre os sons de róticos do PB, como, por exemplo, tepe, fricativo, vibrante, aproximante (SILVA, 1996), róticos espirantizados⁶ (COTOVICZ, 2019), além de outras variantes que apresentavam características acústicas diferentes daquelas já discutidas na literatura. Assim, com base nessa etiquetagem, foram contabilizadas e descritas em seus detalhes acústicos todas as produções de róticos, relacionadas a r-forte.

Passemos, na próxima seção, aos resultados das produções observadas.

⁶ Espirantização envolve diferentes graus de sobreposição de ruído fricativo (SILVA, 2002).

4 Os róticos produzidos por descendentes de italianos em Rio do Sul

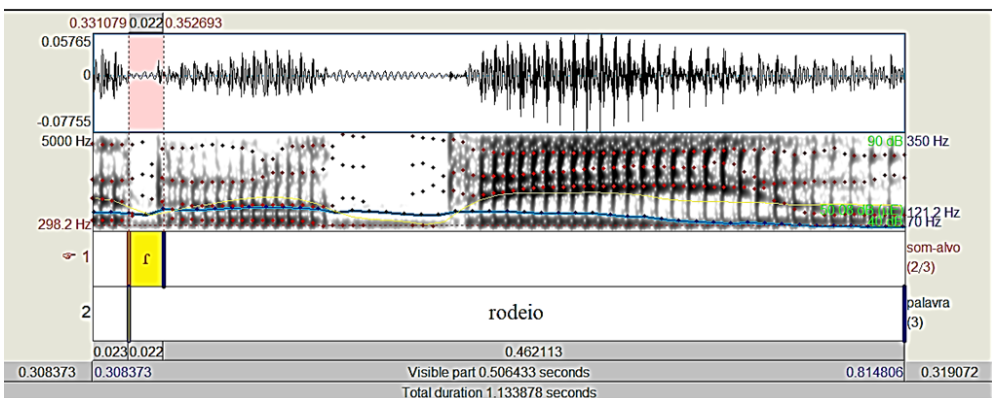
A apresentação dos resultados será dividida em (4.1) análise qualitativa, na qual destacaremos as características acústicas que nos levaram à identificação das diferentes variantes de róticos, encontradas nos dados dos participantes, e em (4.2) análise quantitativa, na qual apresentaremos os percentuais de uso de cada variante e sua relação com sexo e faixa etária.

4.1 O detalhamento acústico dos róticos produzidos

Nesta seção, apresentamos o detalhamento acústico das variantes presentes nos dados dos sujeitos da pesquisa. Iniciamos pela descrição das características acústicas dos róticos produzidos como tepe [r]. Observe as Figuras 1 e 2.

O tepe [r], exibido na Figura 1, é caracterizado por uma descontinuidade espectral, visualizada, na forma de onda e no espectrograma, pela baixa amplitude e períodos glotais irregulares. Nessa descontinuidade espectral, podemos constatar dois momentos distintos: (1) início do fechamento oral, momento em que a energia de vozeamento é bastante baixa, e (2) final do fechamento, no qual se pode observar, no espectrograma, um estouro muito breve (SILVA, 1996).

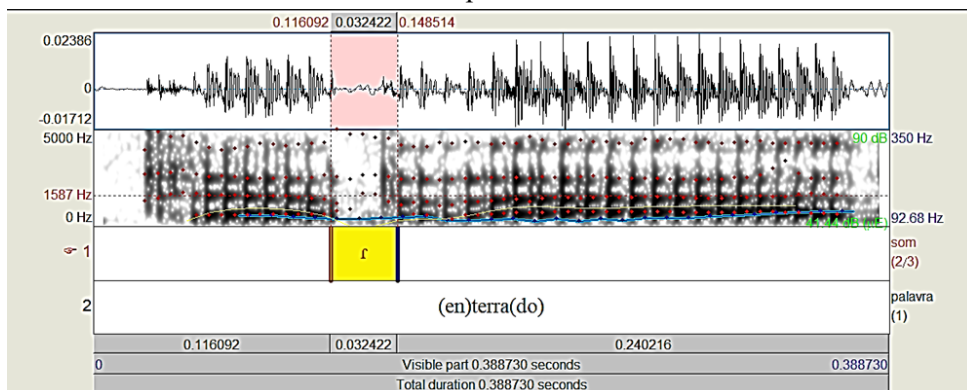
Figura 1 – Forma de onda, espectrograma com sobreposição da curva de *pitch* (em azul) e da curva de intensidade (em amarelo) de róticos produzidos pelo Informante JM como tepe ([r]) em *onset* inicial na palavra “rodeio”



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Alguns dados apresentaram, perceptualmente, uma qualidade intermediária entre o tepe e a vibrante. Como nossa análise é baseada em características acústicas, esses dados, por apresentarem apenas um fechamento oral, foram classificados como tepe. Observamos, no entanto, que, na sequência desses tepes, havia uma queda de energia mais evidente sobre a região da vogal subsequente (Figura 2), diferentemente daqueles tepes que, perceptualmente, eram considerados como tepes. Esses casos corresponderam a 22,86% dos dados etiquetados como tepe. Acreditamos que, para uma mais adequada caracterização, necessitamos de um maior número de dados e testes perceptuais que possam indicar tais produções como tepe ou não.

Figura 2 – Forma de onda, espectrograma com sobreposição da curva de *pitch* (em azul) e da curva de intensidade (em amarelo) de róticos produzidos pelo informante IM como tepe ([r]) em *onset* medial no trecho “terra”, selecionado na palavra “enterrado”



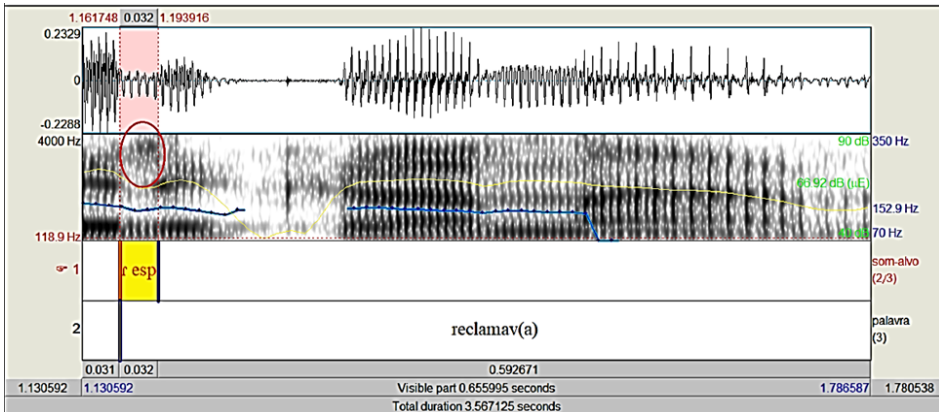
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ainda relacionado ao tepe, apresentamos, na Figura 3, um exemplar de um rótico produzido como tepe espirantizado.

Na Figura 3, podemos observar uma produção que apresenta características próprias do tepe, ou seja, descontinuidade espectral, visualizada, na forma de onda e no espectrograma, pela baixa amplitude, e períodos glotais irregulares, com fechamento oral e breve estouro. Mas apresenta também uma sobreposição de ruído na região próxima ao final do fechamento oral (no círculo vermelho), o que o caracteriza como espirantizado, segundo Silva (2002). É um som vozeado, como são

também os tepes mostrados nas Figuras 1 e 2, conforme evidenciam os pulsos glotais e a curva de *pitch* sobreposta aos espectrogramas (em azul).

Figura 3 – Forma de onda e espectrograma com sobreposição da curva de *pitch* (em azul) e da curva de intensidade (em amarelo) do rótico em *onset* inicial na palavra “reclamava”, produzida pela Informante VF como um tepe espirantizado ([r̥] esp)

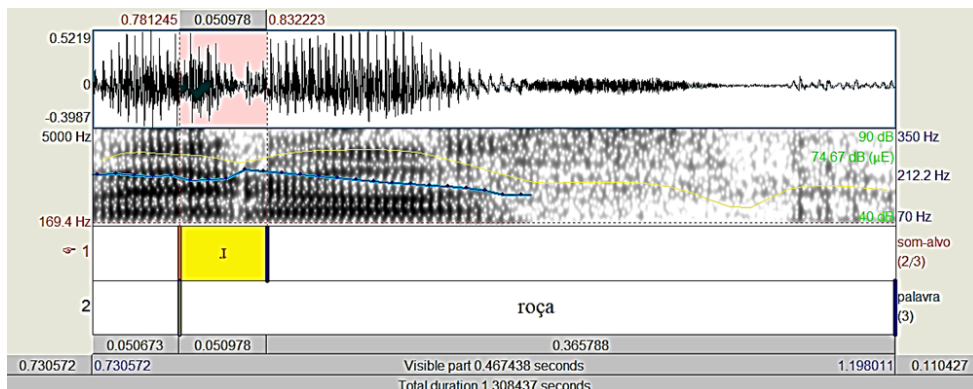


Fonte: Elaborado pelas autoras.

Agora passemos à descrição das variantes aproximantes. Essas consoantes, especialmente no inglês americano, mostram formantes como uma vogal, indicando que o trato vocal não tem constrição menor do que a de vogais. (SILVA, 1996). As aproximantes têm uma estrutura de formantes semelhante a uma vogal porque a restrição em sua produção é mais ampla do que nas fricativas. No entanto, aproximantes tendem a mostrar menos intensidade do que vogais. (RENNICKE, 2015). Observe, na Figura 4, um exemplar de rótico que foi produzido como aproximante ([ɹ]).

Na Figura 4, observamos a produção da variante identificada como aproximante (ɹ). Essa variante apresenta características acústicas e perceptuais de um sinal de soltura de energia atípico, porém periódico, que é diferente do tepe, com visualização de formantes no espectrograma, exibindo, no entanto, menos intensidade do que suas vizinhanças vocálicas. Nesse caso, podemos indicar que haveria apenas aproximação dos articuladores, não chegando a ocorrer contato entre eles, conforme observa Nishida (2005).

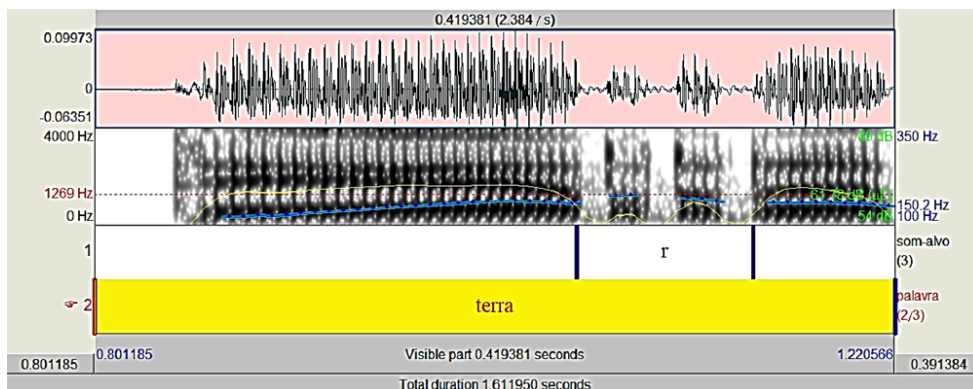
Figura 4 – Forma de onda e espectrograma com sobreposição da curva de *pitch* (em azul) e da curva de intensidade (em amarelo) do rótico em *onset* inicial na palavra “roça”, produzida pela Informante VF como aproximante ([ɹ])



Fonte: Elaborado pelas autoras.

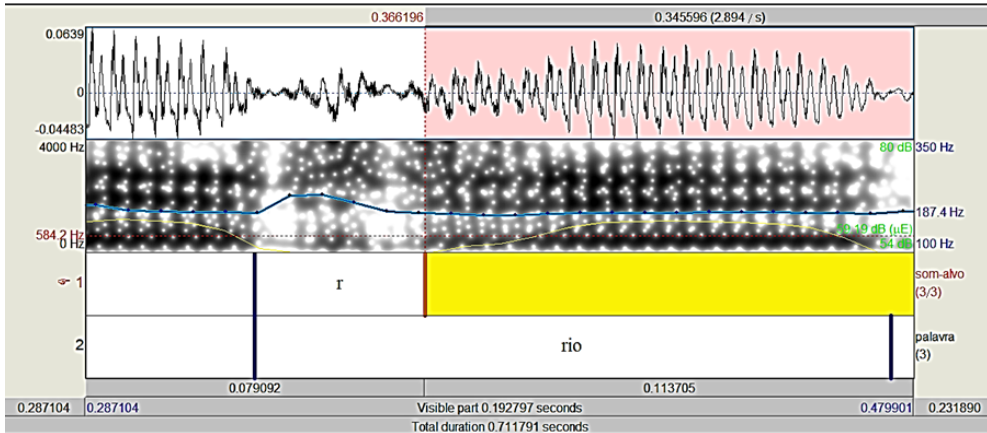
Passemos, agora, aos exemplares de róticos produzidos como vibrantes que são exibidos nas Figuras 5 e 6.

Figura 5 – Forma de onda e espectrograma com sobreposição da curva de *pitch* (em azul) e da curva de intensidade (em amarelo) do rótico em *onset* medial na palavra “terra”, produzido pelo Informante IM como uma vibrante [r] com três fechamentos orais



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Figura 6 – Forma de onda e espectrograma com sobreposição da curva de *pitch* (em azul) e da curva de intensidade (em amarelo) do rótico em *onset* inicial na palavra “rio”, produzido pela Informante IF como uma vibrante [r] com dois fechamentos orais



Fonte: Elaborado pelas autoras.

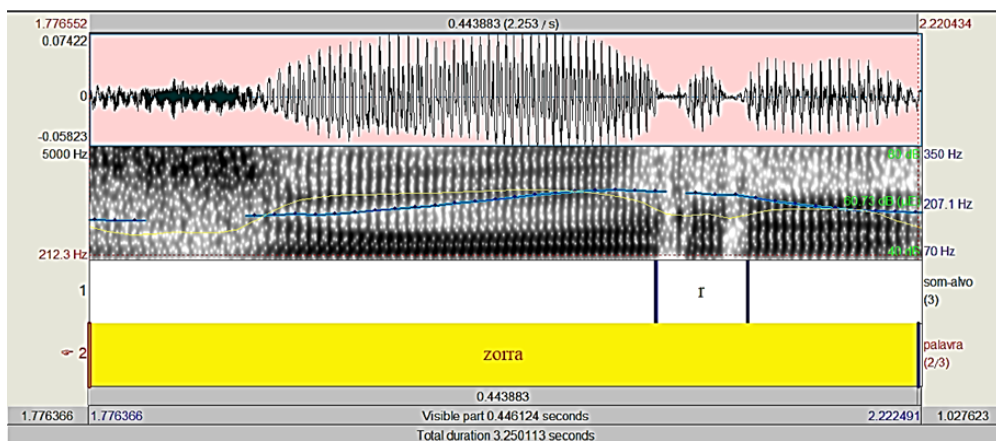
Nas Figuras 5 e 6, vemos a produção de vibrantes que se caracterizam acusticamente pela ausência de energia no sinal de fala, correspondente ao momento de fechamento do trato vocal, seguido de abertura oral ou passagem da corrente de ar. Pode apresentar diversos momentos de abertura e fechamento oral, por isso é também denominada vibrante múltipla. Na Figura 5, temos uma vibrante produzida com três fechamentos orais e, na Figura 6, uma vibrante com dois fechamentos orais. O correlato visual para ausência de energia dos fechamentos orais é o espaço quase em branco no espectrograma e amplitude baixa se comparada à fase de abertura oral. Aberturas orais têm como correlato visual um evento acústico de aspecto contínuo, com estrutura de formantes. “A vibrante tem ocorrência restrita no PB atual, sendo atestada principalmente em variedades regionais do sul do Brasil.” (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2019, p. 202). Além disso, observa-se que são produções com vibração das pregas vocais, conforme atestam os pulsos glotais e as curvas de *pitch* sobrepostas aos espectrogramas (em azul).

Buscando uma observação mais apurada da gradiência dos dados encontrados na produção dos participantes da pesquisa, voltamos nosso olhar para o número de batidas que foram produzidos quando a

vibrante era a variante emitida. O termo “batida” refere-se ao momento de fechamento oral que corresponde ao levantamento de ponta de língua para uma oclusão extremamente breve nos alvéolos. Acreditamos que a observação desse detalhe acústico pode trazer contribuições para discussão sobre a percepção por outras variedades dialetais da presença majoritária do tepe nesta comunidade de fala. Encontramos vibrantes que variaram de duas a quatro batidas da ponta de língua nos alvéolos, correspondendo aos momentos de fechamento oral (regiões de clareamento no espectrograma).

Na sequência, são apresentadas produções que exemplificam a variação de batidas encontradas para as vibrantes. Observe, na Figura 7, um exemplo de vibrante produzida com duas batidas (dois fechamentos orais e uma abertura oral).

Figura 7 – Forma de onda e espectrograma com sobreposição de curva de *pitch* (em azul) e curva de intensidade (em amarelo) de rótico em *onset* medial na palavra “zorra”, produzido pela Informante IF, com uma vibrante exibindo uma abertura oral e dois fechamentos orais (duas batidas)



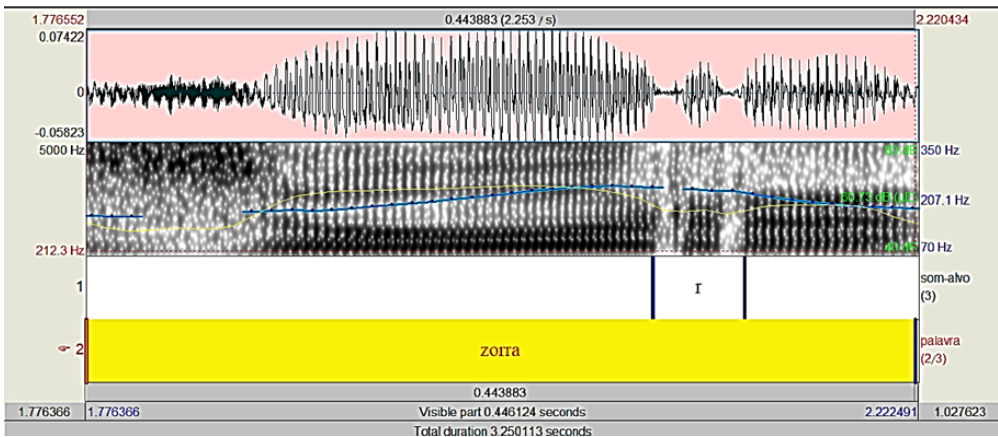
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na Figura 7, podemos ver um exemplo do que Silva (2002) denomina de vibrante encurtada, produção que apresenta dois momentos de fechamento oral e uma abertura oral. Ainda de acordo com Cotovicz (2019), essa vibrante não se parece com tepe e nem com vibrante, apresentando qualidade acústica peculiar.

Veja agora, na Figura 8, um exemplo de vibrante produzida com três batidas, ou seja, três fechamentos orais – as batidas - e duas aberturas orais.

Na produção, exibida na Figura 8, é remarcada a vibração das pregas vocais indicadas nos pulsos glotais visualizados nas hachuras do espectrograma e na sobreposição da curva de *pitch* (em azul).

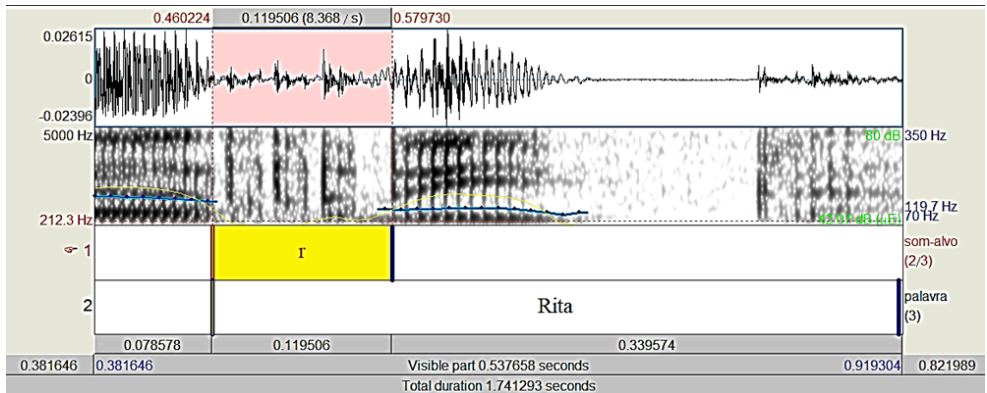
Figura 8 – Forma de onda e espectrograma com sobreposição de curva de *pitch* (em azul) e curva de intensidade (em amarelo) de rótico em *onset* medial na palavra “terra”, produzida pelo Informante IM, com uma vibrante apresentando três fechamentos orais e duas aberturas orais



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Note, agora, na Figura 9, a produção de uma vibrante com quatro batidas, ou seja, quatro fechamentos orais e três aberturas orais.

Figura 9 – Forma de onda e espectrograma com sobreposição de curva de *pitch* (em azul) e curva de intensidade (em amarelo) de rótico em *onset* inicial na palavra *Rita*, produzida pelo Informante IM, com uma vibrante apresentando quatro fechamentos e três aberturas orais



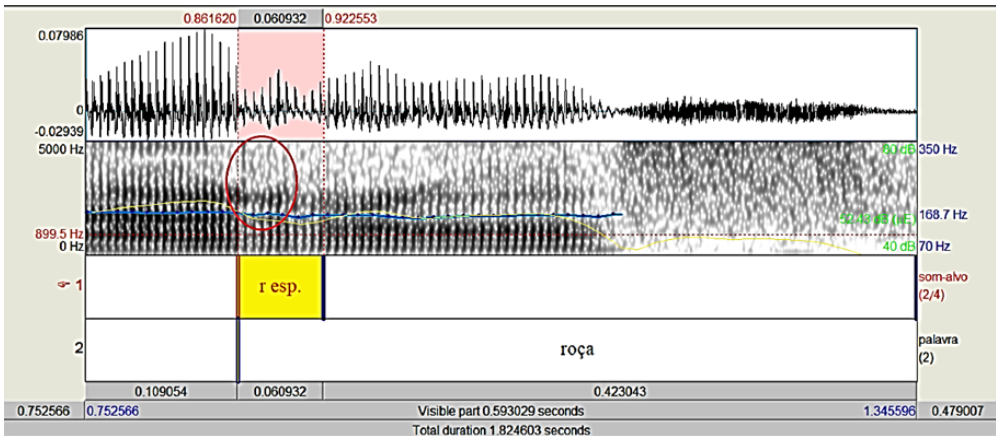
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Entre as produções das vibrantes, observa-se ainda uma diferença relacionada à vibração das pregas vocais que parecem bastante irregulares em algumas das produções realizadas. E, na produção mostrada na Figura 9, observa-se que não houve vibração das pregas vocais como assinalam o espectrograma e a curva de *pitch* que está ausente na região que corresponde à vibrante.

Ainda sendo caracterizada como vibrante, temos outro tipo de variante com características particulares que é a chamada vibrante espirantizada. Veja a Figura 10.

A vibrante espirantizada se caracteriza pela sobreposição de ruído fricativo. Segundo Silva (2002, p. 170), essa vibrante ocorre quando “a magnitude do gesto de ponta de língua se reduz, concomitantemente ao aumento da magnitude do gesto de dorso de língua, o que causa a constrição, responsável pela adição do ruído fricativo à estrutura da vibrante.” Na Figura 10, podemos perceber, na forma de onda, que momentos com amplitude mais baixa podem ser observados em faixas um pouco mais claras no espectrograma, na posição em que se observam quedas de amplitude na curva de intensidade (linha amarela), próprias das fases de fechamento (COTOVICZ, 2019). Nessa produção, ficam menos evidenciadas essas faixas mais claras por conta do ruído sobreposto, dando à vibrante esse caráter mais contínuo, observado por Silva (2002). Percebe-se ainda vozeamento nessa produção, marcada pela sobreposição da curva de *pitch* no espectrograma.

Figura 10 – Forma de onda e espectrograma com sobreposição de curva de *pitch* (em azul) e de curva de intensidade (em amarelo) de rótico em *onset* inicial na palavra “roça”, produzida pela Informante IF como uma vibrante espirantizada



Fonte: Elaborado pelas autoras.

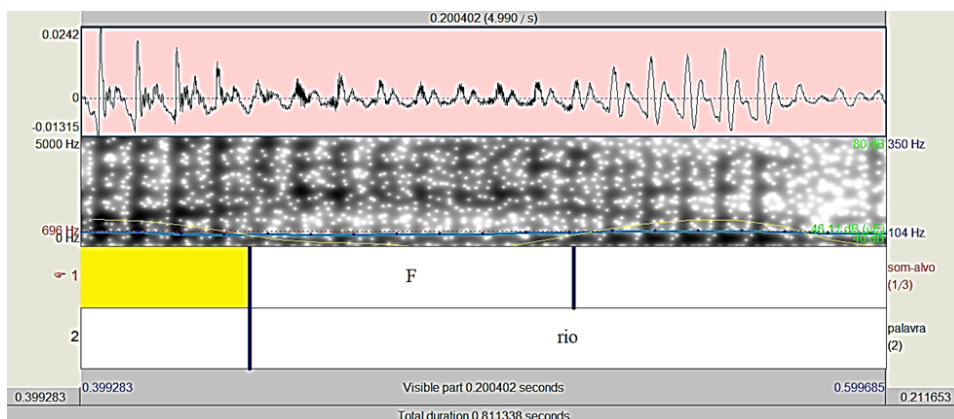
Passemos finalmente aos róticos produzidos como fricativas⁷. Observe, nas Figuras 11 e 12, dois exemplares de produções fricativas.

As fricativas posteriores, que correspondem às produções de róticos, podem ser velares [x ɣ], uvulares [χ ʁ] ou glotais [h h̥], tendo como características acústicas ruído decorrente de constricção e concentração de energia em baixa frequência na região dos dois primeiros formantes. Na Figura 11, podemos visualizar uma fricativa vozeada. Uma fricativa vozeada apresenta duas fontes de energia: (1) energia quase periódica da vibração das pregas vocais, visualizada nas hachuras verticais espaçadas e na presença da curva de *pitch* que indica os pulsos glotais, ou seja, vibração das pregas vocais e (2) energia aperiódica do ruído de turbulência, visualizada no espectrograma sobreposto ao sinal da fricativa (KENT; READ, 2015). A fricativa não-vozeada, observada na Figura 12, é caracterizada apenas pela fase de energia aperiódica do ruído de turbulência (KENT; READ, 2015). Nessa figura, podemos

⁷ No levantamento das produções fricativas, não fizemos distinção do ponto de articulação, apenas as classificamos pelas características relacionadas ao modo de articulação e ao vozeamento.

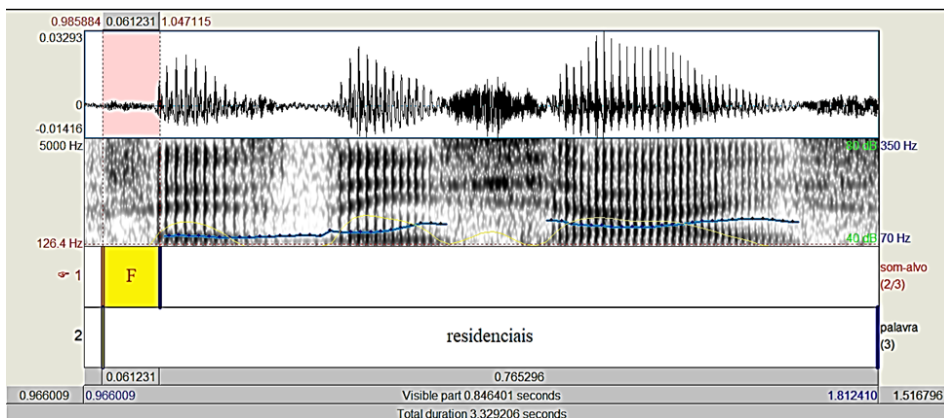
observar ausência das hachuras verticais e da curva de *pitch*, indicando que as pregas vocais não estão vibrando.

Figura 11 – Forma de onda e espectrograma com sobreposição da curva de *pitch* de rótico em *onset* inicial na palavra “Rio”, produzido pelo Informante JM como fricativa vozeada



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Figura 12 – Forma de onda e espectrograma com sobreposição da curva de *pitch* de rótico em *onset* inicial na palavra “residenciais”, produzido pelo Informante JM como fricativa não-vozeada



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Com a caracterização acústica de cada tipo de rótico produzido pelos participantes da pesquisa, partimos para a contagem de suas ocorrências. Isso será apresentado na seção a seguir.

4.2 Os róticos em números

4.2.1 Frequência de ocorrência das variantes produzidas

Considerando-se todos os dados, foram observadas, de modo geral, variadas implementações fonéticas que caracterizam a representação fonológica dos sons de “r” do português brasileiro (PB) em posição do chamado r-forte. Assim, a partir das características apresentadas, na Seção 4.1, para cada uma das produções realizadas, passamos à contagem do número de variantes. A Tabela 1 resume esses resultados.

Pesquisas atestam que descendentes de italianos tendem à produção majoritária do tepe em contexto de r-forte (SPESSATTO, 2001; AZEREDO, 2012; CORRÊA, 2017; COMIOTTO; MARGOTTI, 2019). Podemos verificar este comportamento na produção dos informantes mais velhos: feminino (46,15%) e masculino (50%). No entanto, os resultados da Tabela 1 mostram que descendentes de italianos produzem outras variantes róticas em contexto de r-forte, apresentando vibrantes (27,89%) e fricativas (33,33%) com percentuais maiores do que tepe (18,37%).

Tabela 1 – Frequência de ocorrência das variantes de rótico produzidas como representantes de r-forte nas três faixas etárias pesquisadas

| Informantes/ Róticos | Variantes de r-forte | | | | | |
|-----------------------------|----------------------|--------------|--------------|---------------|--------------|----------------|
| | r | r esp. | ɹ | r | r esp. | fricativas |
| Feminino (JF) | 0,00% | 0,00% | 0,00% | 0,00% | 0,00% | 100,00% |
| Masculino (JM) | 10,00% | 20,00% | 0,00% | 25,00% | 10,00% | 30,00% |
| <i>Total 20-50 anos</i> | <i>3,17%</i> | <i>6,35%</i> | <i>0,00%</i> | <i>7,94%</i> | <i>3,17%</i> | <i>77,78%</i> |
| Feminino (IF) | 25,00% | 0,00% | 0,00% | 66,67% | 8,33% | 0,00% |
| Masculino (IM) | 38,77% | 16,33% | 0,00% | 36,73% | 8,16% | 0,00% |

| | | | | | | |
|-------------------------|---------------|---------------|--------------|---------------|--------------|---------------|
| <i>Total 51-70 anos</i> | 36,06% | 13,11% | 0,00% | 42,62% | 8,20% | 0,00% |
| Feminino (VF) | 46,15% | 23,09% | 7,69% | 15,38% | 7,69% | 0,00% |
| Masculino (VM) | 50,00% | 40,00% | 0,00% | 10,00% | 0,00% | 0,00% |
| <i>Total +70 anos</i> | 47,83% | 30,43% | 4,35% | 13,04% | 4,35% | 0,00% |
| TOTAL GERAL | 18,37% | 12,93% | 0,68% | 27,89% | 6,80% | 33,33% |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No que tange à variável sexo, dados mostram uma diferença no comportamento linguístico nas produções dos róticos entre informantes masculinos e femininos das faixas etárias de 20-50 anos e de 51-70 anos. Mais especificamente, informantes intermediária (IF) e jovem (JF) apresentaram menor variação de róticos, com IF apresentando 66,67% de vibrantes e JF produzindo apenas fricativas (100%). Destacamos, nesses resultados, ausência do tepe e suas variantes, aproximante e espirantizado, na produção da informante feminina da faixa etária entre 20-50 anos.

Esse comportamento diferenciado entre essas informantes em relação ao quadro geral, pode ser considerado uma tentativa de aproximação das variantes de prestígio para o PB. Algumas pesquisas atestam que mulheres tendem a utilizar com mais frequência variantes de prestígio e podem promover mudanças na direção da norma padrão (SILVESTRE, 2007, CORRÊA, 2017).

Como podemos constatar ainda pela Tabela 1, homens das faixas etárias intermediária e jovem apresentaram produção mais diversificada das variantes róticas em contexto de r-forte, excluindo-se fricativa, produção exclusiva do grupo jovem.

Quando correlacionamos a variável sexo a outros fatores sociais, começamos a entender as diferenças de comportamento atestadas nos resultados da pesquisa. Partindo das produções da variante tepe, conforme Tabela 1, percebemos que a constatação de Spessatto (2001) de que falantes com menor escolaridade tendem a um maior uso de tepe em contexto de r-forte aplica-se à faixa etária mais avançada. Os dois informantes mais velhos possuem ensino fundamental e produziram majoritariamente tepe (47,83%) seguido pela variante aproximante (30,43%). No entanto, na

faixa intermediária, contrariando essa expectativa, a participante feminina, apesar de também possuir apenas ensino fundamental, produziu apenas 25% de tepe, apresentando 75% de vibrantes (sem e com espirantização). Esse resultado ratifica o comportamento feminino de se aproximar do padrão do PB, afastando-se das variantes estigmatizadas (SILVESTRE, 2007), como é o caso do tepe em contexto de r-forte.

Os fatores identidade (AGUILERA, 2008; BALTHAZAR, 2016) e região de origem também podem ter condicionado a produção majoritária de tepe apresentada pelos mais velhos, que residiram em área rural, povoada por descendentes de italiano e praticantes do *talian*, e atualmente residem em área urbana, têm vida social ativa, mas fazem questão de manter vivo o dialeto entre si e com familiares. Esse comportamento reforça observações de Balthazar (2016, p. 22) de que as “pessoas percebem conscientemente as peculiaridades da sua língua através da outra e é nesse momento que a língua se torna símbolo do grupo, identificando o falante como pertencente ao grupo que a fala”. O participante masculino intermediário que se criou em meio rural, convivendo por muito tempo com o dialeto *talian*, produziu tepe (38,67%), aproximantes (16,33%) e vibrantes (36,73%).

Constatamos que, entre diferentes gerações de informantes, há um comportamento na direção de uma mudança linguística que pode estar sendo condicionado por uma correlação de fatores extralinguísticos indexados. Segundo Coelho *et al.* (2018, p. 86), “na maturidade e mesmo quando envelhecemos, em geral nossa fala reflete o vernáculo dos anos iniciais” e, dessa forma, podemos perceber indícios de mudança linguística ao comparar uma geração a outra. E ainda, conforme Foulkes *et al.* (2010, p. 710, tradução nossa)⁸, “as diferenças de idade também podem refletir socialmente determinadas divisões do continuum de idade, ou fases da vida”. Assim, dados do presente estudo corroboram os autores supracitados, pois apontam, na dimensão diageracional, possivelmente, para uma mudança em tempo aparente.

4.2.2 Gradiência na produção das vibrantes

Acrescentamos aos resultados, a análise feita quanto ao número de batidas apresentado em cada produção de vibrantes. Esses dados foram coletados porque acreditamos que, quanto menos batidas (fechamentos orais) as vibrantes apresentarem, mais elas serão semelhantes,

⁸ *age differences may also reflect socially determined divisions of the age continuum, or life stages.* (FOULKES *et al.*, 2010, p.710).

perceptualmente, ao tepe. Assim, essa ideia pré-concebida de que os falantes dessa região produzem majoritariamente tepes pode estar associada ao número de batidas apresentado pelas vibrantes. Como a maior parte das outras variedades dialetais brasileiras não produzem vibrantes, a percepção dessas vibrantes com apenas duas batidas pode ser percebida como tepe, uma vez que, em *onset* silábico, temos majoritariamente fricativas em grande parte das outras variedades dialetais. Esses dados também nos auxiliam na observação da gradiência encontrada nas vibrantes produzidas pelos informantes do presente estudo. Esses resultados são mostrados na Tabela 2.

Tabela 2 – Frequência de ocorrência da vibrante [r] para as três faixas etárias, considerando-se o número de batidas

| Informante | Vibrante [r] | | |
|----------------|---------------|---------------|----------------|
| | duas batidas | três batidas | quatro batidas |
| Feminino (JF) | - | - | - |
| Masculino (JM) | 20,83% | - | - |
| Feminino (IF) | 33,33% | - | - |
| Masculino (IM) | 41,67% | 75,00% | 100,00% |
| Feminino (VF) | - | 12,50% | - |
| Masculino (VM) | - | 12,50% | - |
| TOTAL | 72,73% | 24,24% | 3,03% |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Pela Tabela 2, vemos que, à exceção da informante feminina jovem, todos os demais informantes produziram vibrantes em contexto de *onset* silábico. As vibrantes foram produzidas em maior frequência com duas batidas (72,73%). As vibrantes com três batidas aparecem em segundo lugar (24,24%) e aquelas com quatro batidas têm um percentual extremamente baixo (3,03%).

Esses resultados mostram que, se considerarmos que, quanto menos batidas têm a vibrante, mais ela se assemelha ao tepe, temos em torno de 70% de vibrantes nessa situação. Isso nos leva a pensar em testes de percepção futuros com ouvintes da localidade de Rio do Sul e de fora dela para verificar se a percepção de vibrantes com duas batidas seria mesmo a de um tepe, principalmente para ouvintes externos à comunidade.

5 Considerações finais

O presente estudo demonstrou a variabilidade das produções de róticos em contexto de r-forte nas amostras de fala de descendentes de italianos da cidade de Rio do Sul, região do Alto Vale do Itajaí - SC. Assim, nossa primeira questão de pesquisa foi respondida, ou seja, nesta região ocorre a produção de outras variantes, além do tepe, comumente atestado nos dialetos italianos de falantes brasileiros.

Entendemos estar diante de uma comunidade cujo falar está em processo de mudança, pois o comportamento entre falantes e entre as gerações estudadas apresentou diferenças na direção da diminuição do uso do tepe em *onset* silábico, em contexto de r-forte. E a verificação de que outros fatores sociais, como idade, identidade e região de origem, parecem influenciar nas produções dos róticos respondem a nossa segunda questão de pesquisa.

Os róticos do presente estudo, para inferências mais assertivas, serão usados em futuras pesquisas de percepção. Testes de percepção, realizados por ouvintes externos à comunidade e da própria comunidade, poderão ratificar, por exemplo, os resultados concernentes à percepção de vibrantes com número diferente de batidas.

Referências

AGUILERA, V.A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, 2008.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍCIOS DO ALTO VALE DO ITAJAÍ. *Localização e distâncias*. Rio do Sul: AMAVI, [2021?]. 1 mapa. Disponível em: <https://amavi.org.br/municipios-associados/localizacao>. Acesso em: 20 ago. 2021.

AZEREDO, P. S. *A troca da vibrante por tepe em onset silábico: uma análise de variação e mudança linguística na comunidade de Flores da Cunha - RS*. 2012 Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BALTHAZAR, L. L. *Atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em Criciúma (SC) e região*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (org.) *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*. Amsterdã: Instituto de Ciências Fonéticas de Amsterdã, 2019. Disponível em <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em: 14 ago. 2021.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

CAMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1992.

COELHO, I. L. *et al. Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2018.

CORRÊA, R. C. A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla em *onset* silábico no português falado em Antônio Prado - RS. *Letrônica*: revista digital do programa de pós-graduação em letras da PUC-RS, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 325-335, 2017.

COMIOTTO, A. F.; MARGOTTI, F. W. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. *Acta scientiarum: language and culture*, Maringá, v. 41, n. 2, p. 1-9, jul./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i2.48857>.

COTOVICZ, M. *Variabilidade dos róticos produzidos por falantes de Rebouças e Irati (PR): uma análise acústica*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *et al. Fonética acústica: os sons do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.

DALLEASTE, A. P. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da língua e cultura italianas em Matelândia - PR*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

FOULKES, P. *et al. Sociophonetics*. In: HARDCASTLE, W.; LAVER, J.; GIBBON, F. (ed.) *Handbook of phonetic sciences*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2010. p. 703-754.

GOMES, C. A. Variação sociofonética na aquisição e na modelagem do conhecimento linguístico. *Revista da Abralin*, [S. l.], v. 10, n. 4, p. 209-226, 31 dez. 2011.

GONÇALVES, C. S.; BRESCANCINI, C. R. Considerações sobre o papel da sociofonética na comparação forense de locutores. *Revista linguagem e direito*, Porto, v. 1, n. 2, p. 67-87, 2014.

GUILHERME, M. L. F. *Sociofonética: uma análise acústica do /R/ em coda no dialeto curitibano*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Português-Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Rio do Sul*. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/rio-do-sul.html>. Acesso em 20 out. 2020.

KENT, R. D.; READ, C. *Análise acústica da fala*. Tradução: Alexsandro Meireles. São Paulo: Cortez, 2015.

MENGARDA, E. J. Gênese e evolução dos dialetos trentino e vêneto. *Working papers em linguística*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 42-57, 2001. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>

MONARETTO, V. Descrição da vibrante no português do Sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, C. *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

NISHIDA, G. *Características acústicas do tap em grupos no PB*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

RENNICKE, I. Variation and change in the rhotics of Brazilian Portuguese. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, A. H. P. *Para a descrição fonético-acústica das líquidas do português brasileiro: dados de um informante paulistano*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SILVA, A. H. P. Caracterização acústica de [R], [r], [L] e [ʎ] nos dados de um informante paulistano. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, v. 37, p. 51-68, 1999.

SILVA, A. H. P. *As fronteiras entre Fonética e Fonologia e a alofonia dos róticos iniciais em PB: dados de dois informantes do sul do país*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SILVA, T. L. *Imigração e migração: a colonização italiana no Sul e Oeste de Santa Catarina*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

SILVESTRE, J. C. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

SORIANO, L. G. M. *Percepções sociofonéticas do (-R) em São Paulo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SPESSATTO, M. B. *Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

Recebido em: 15 de dezembro de 2020.

Aprovado em: 22 de janeiro de 2021.